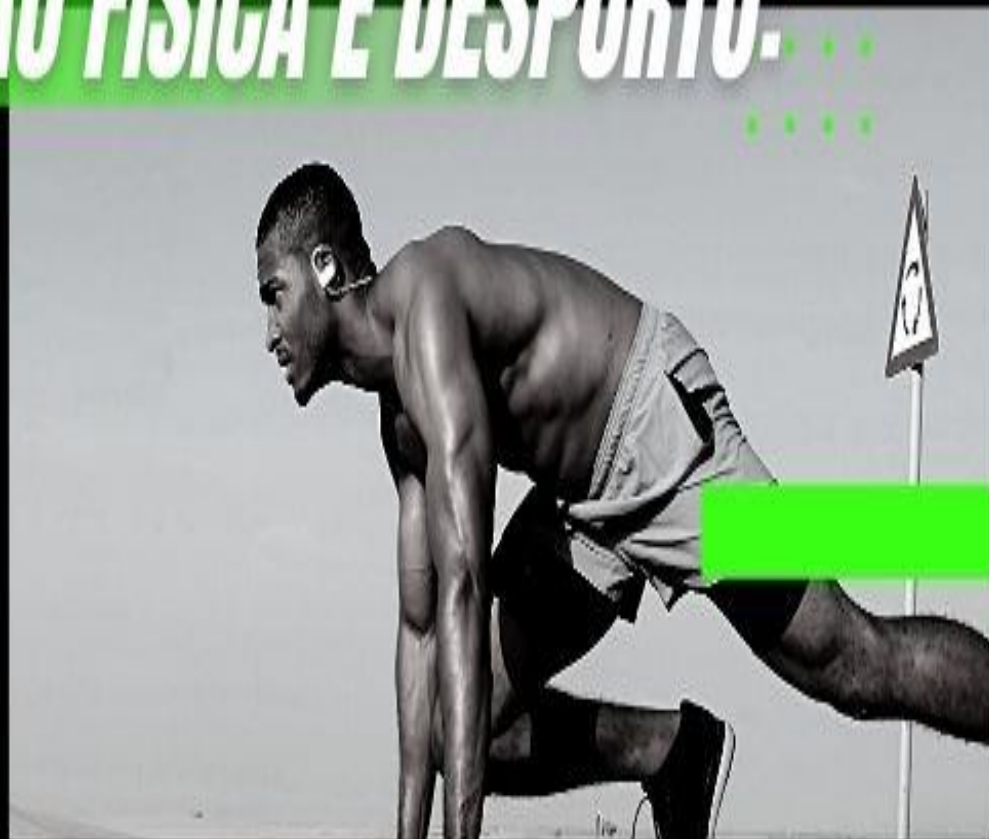




# EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO:



## EM PALAVRAS

VÍTOR ROSA



**Vítor Rosa**

# **Educação Física e Desporto: Em Palavras**

**Lisboa  
2023**

**Edição** Vítor Rosa

**Propriedade** Vítor Rosa

**Paginação** VR

**Coordenação Editorial e Revisão** ---

**Design gráfico** VR

**ISBN** 978-2-9557638-4-1  
9782955763841

**1.ª edição** 2023

**Contatos** Campo Grande, 376, 1749-024 Lisboa  
Tel. 217 515 500  
[www.ulusofona.pt](http://www.ulusofona.pt)

## Índice

---

Nota introdutória .....	6
O espírito do desporto .....	7
A “Moral dos Desportos”, de Paul Adam.....	9
O desporto fenómeno social e o problema da responsabilidade.....	11
“O livro dos cinco anéis” – a arte da guerra.....	13
A arte da guerra por Yagyu Munenori .....	15
Melhorar a performance das empresas pela prática das atividades físicas .....	17
Alguns jogadores de futebol correm mal .....	19
O PISA e a literacia física .....	20
O desporto europeu.....	22
O desporto e a arte.....	24
O olimpismo de 1908.....	28
A sociologia incomoda .....	30
Ir ao ginásio para “trabalhar” .....	31
Ouçam o que os campeões vos dizem .....	33
Academias de futebol.....	35
Práticas desportivas, normas e socialização.....	36
A prática desportiva em Montemor-o-Novo .....	37
O desporto carrega em si o peso da sociedade.....	38
A violência no desporto .....	39
A integração social pelo desporto: representação e realidades .....	40
O desporto e a política .....	42

Georges Vigarello e a sua História da Fátiga.....	43
Desporto, integração e inserção.....	45
Turismo desportivo.....	46
Práticas desportivas dos jovens em dificuldades .....	48
A arbitragem feminina.....	49
Quais são os efeitos da atividade física e/ou desportiva na nossa saúde mental? .....	51
A perspetiva sociológica.....	52
Karaté: etnografia de uma prática corporal .....	54
Mais desporto na Escola .....	57
A importância da saúde mental dos atletas.....	58
Desporto e ligação social.....	60
A evolução das práticas desportivas.....	61
O desporto, lutas simbólicas e comparações.....	63
Qatar: o “fim” do futebol? .....	64

## Nota introdutória

---

Este *ebook* pretende divulgar todas as crónicas que foram publicadas no jornal *A Bola* durante o ano de 2022. São textos que nos permitem ter uma panorâmica sobre o fenómeno desportivo. A prática do desporto é um direito do Homem. É um processo de criação cultural.

Esperamos que os leitores apreciem as crónicas.

Vítor Rosa

Lisboa, 01 de janeiro de 2023

## O espírito do desporto

---

O desporto apresenta-se, atualmente, como um “facto social total” (Marcel Mauss), mas é difícil estudá-lo no seu conjunto. Como disse Georges Magnane, “um conhecimento sociológico autêntico se impõe pela originalidade dos factos significativos examinados de perto e de diversos pontos de vista subjetivos; mas esta originalidade só pode ser percebida depois de um estudo completo das estruturas objetivas” (p. 9). A presença do desporto faz-se sentir pelos que o praticam, bem como aos que o organizam e dirigem (ou pretendem fazê-lo). Ele é uma atividade específica da juventude. A categoria dos “veteranos” começa aos trinta e cinco anos. Do ponto de vista do homem comum, constatamos que uma literatura “ilisível” se lê muito, sobretudo a imprensa desportiva. É incontestável que os jornais se consagram às vedetas do desporto, sobretudo aqueles que têm um sucesso considerável. Não fazemos aqui qualquer juízo de valor sobre os jornais desportivos. No *Les Fleurs de Tarbes* (1936), o escritor Jean Paulhan (1884-1968) avança esta paráfrase: “se a imprensa desportiva tem tantos leitores é porque ela é ilisível”. Magnane relata, no seu livro *Sociologie du sport* (1964), que falou com este representante autorizado da cultura francesa, perguntando-lhe o que conhecia sobre o desporto. Paulhan não teve dificuldade em confessar que a sua ignorância era total e que não tinha vontade de se informar mais, pela simples razão de que, na sua opinião, não existiam problemas no desporto. Este comentário serve para muitas pessoas, pois falam de desporto sem nada saber sobre ele.

O desporto moderno surge como uma atividade de lazer, adaptado a uma civilização predominantemente industrial. Corresponde exatamente às necessidades do trabalhador urbano. É impossível explicar a atração do desporto pelo trabalhador moderno se não tivermos em conta a dialética das semelhanças e das diferenças entre a atividade profissional e a atividade de lazer. O desporto de competição ou de lazer é apresentado como um antídoto da fadiga. Ou, como diria o escritor e jornalista francês Paul Adam (1862-1920), é uma “metamorfose da preguiça” (p. 18). Mas, tal como refere Magnane, os praticantes do desporto de competição se prestam mal para responderem a um inquérito sobre a fadiga, pela razão evidente que se eles se sentissem cansados procuravam outras formas de lazer. Na verdade,

“o homem não é jogado, ele joga, ele constrói o seu destino” (Magnane, 1964, p. 71). Magnane (1964) acrescenta ainda que “o desporto, de facto, é a aprendizagem de uma liberdade que recusa os soporíferos e os sedativos dos sonhos gratuitos” (p. 168). Nasce, assim, um “espírito desportivo” ou uma *Morale des sports* (1907), para retomar o título de um ensaio de Paul Adam.

#### Referências:

Adam, P. (1907). *La morale des sports*. La lib. Mondiale.

Magnane, G. (1694). *Sociologie du sport*. Éditions Gallimard.



## A “Moral dos Desportos”, de Paul Adam

---

Refletir sobre Paul Adam (1862-1920) não é apenas descobrir um escritor e ensaísta e nos familiarizarmos com a sua vasta obra. É abrir uma janela sobre o mundo, no qual o autor evoluiu e que tentou partilhar com os seus contemporâneos. O mais interessante neste romancista, que foi comparado a Honoré de Balzac (1799-1850), não é a sua individualidade, mas a sua singularidade. É tudo o que tece os laços com outros escritores, homens e mulheres, e outros pensamentos. É um “outlier” do naturalismo, deixando a sua marca no movimento simbolista francês. Profundamente marcado pela revolução industrial e o crescimento fulgurante do capitalismo, a sociedade do século XIX modifica as invenções: locomotiva, eletricidade, etc., e tem repercussões no mundo do trabalho e sobre a ocupação dos territórios, cada vez mais polarizados em torno de grandes cidades que oferecem trabalho às grandes massas operárias, e que veem a abertura de grandes espaços comerciais, induzindo a novas formas de consumir. Paul Adam é um fascinado pela ideia do perpétuo progresso da humanidade. Originário da alta burguesia, a sua família é constituída por grandes industriais e militares de carreira, que se encontram arruinados pela crise geral de 1882 (colapso da Bolsa de Paris), uma crise que marca fortemente o espírito de Adam e que o conduzirá a adotar um ponto de vista crítico sobre o sistema financeiro e político da sua época. É um simpatizante do anarquismo, que prefere mais os cenáculos literários, estando com os seus pares, do que o barulho dos cafés.

Para o que nos interessa, Paul Adam é um convertido às “canções” da vida desportiva. Nos anos 1900 escreveu vários ensaios, incluindo “La Morale des Sports” (1907), que, na verdade, é sobre o discurso desportivo da época. Neste ensaio expõe o que entende por desporto, ou seja, “toda a obra que coordena uma série de ações físicas homogêneas e racionais, a fim de aumentar a performance, a coragem e a força no homem” (p. 9). Para si, o gosto latino de triunfar individualmente incita a esgotarmo-nos num esforço único. O culto dos desportos engendra novas forças. Neste sentido, Paul considera que as modalidades desportivas fornecem o remédio propício para a cura da enfermidade pública, em particular a sociedade francesa da época. Do ponto de vista social, as práticas do boxe, da esgrima, do tiro, do automobilismo, da natação, da canoagem, da equitação, da marcha, da equitação, entre

outras, deveriam ser obrigatórias para obter a melhor recompensa atribuída pelas organizações desportivas. Os concorrentes que demonstrassem a melhor habilidade, performance e sabedoria calculada pelos seus músculos, depois de diversos ensaios, mereciam uma glorificação. “O homem - como referia Nietzsche -, deve superar-se a si próprio”. Foi isto que Paul Adam tentou demonstrar com este ensaio sobre o desporto, merecendo ser revisitado.

#### Referências:

Adam, P. (1907). *La morale des sports*. La lib. Mondiale.

## O desporto fenómeno social e o problema da responsabilidade

---

A *Ilíada* do poeta Homero (928 a.C. - 898 a.C.) é o primeiro “monumento” literário, onde as descrições artísticas glorificam os atletas e as suas proezas. Em várias passagens, verifica-se como os Aqueus se dedicam aos exercícios físicos mais diversos: corrida, luta, lançamento, etc. Mas é apenas no século V que o desporto foi erigido pelos Gregos sob um pedestal que só viria a cair com a queda da Nação. Pierre de Coubertin (1863-1937) enfatizava que “a religião do atletismo nasceu na Grécia”, onde se encontrava em cerimónias esporádicas e nos seus Templos para os cultos quotidianos. As cerimónias serão os Grandes Jogos, sendo o mais ilustrativo de todos os Jogos Olímpicos (JO). Os Templos serão os ginásios, juntando jovens e menos jovens em torno de uma preocupação: exaltar a vida e a humanidade, que eram a base do helenismo. Tais princípios dão aos cidadãos gregos uma distinção de espírito, de uma força e de uma beleza corporal extraordinária. Nada de mais belo, viril e emotivo o que os jovens pronunciavam em juramento: “Eu juro jamais desonrar as armas sagradas do meu posto durante o combate. Sozinho ou na companhia de todos, eu combaterei pelos deuses e pelo meu país. Morrendo, não deixarei a minha pátria diminuída, mas mais forte e com mais potência. Cumprirei as ordens na prudência o que os Magistrados que me queiram dar. Eu serei submisso às leis atualmente em vigor e também as que serão decretadas pelo povo. Se alguém se recusar a obedecer a essas leis e se alguém as quiser destruir, eu me oporei e combaterei por elas sozinho ou na companhia de todos” (Bergeron, 1936, p. 8). O ginásio assumiu uma importância na Cidade, como os exercícios físicos assumiram na moral. Os grandes jogos públicos exerceram nas instituições políticas do país, sobre os códigos morais e sobre a Arte uma influência considerável. Desde esta época, o desporto apresenta as características que serão perpétuas, dominado pela ideia de glória. As tréguas nos combates tinham um carácter sagrado.

Em Roma, o povo era prático. Não se agarravam a futilidades e faltava o sentimento estético. Os jogos praticados apresentavam o sinal da brutalidade: gladiadores. Na Idade Média, o gosto pelo exercício físico perde-se. No fundo era uma reação do cristianismo contra

os jogos romanos. Só com o surgimento da cavalaria é que os exercícios corporais começaram a ser praticados. Predomina, sobretudo, os longos e penosos Torneios.

O renascimento do desporto dá-se no final do século XIX, sob a influência da Inglaterra. Assiste-se a uma eclosão de clubes e federações. A partir daí assumiu uma ascensão vertiginosa, onde se encontra nos dias de hoje. As repercussões no tecido social são incalculáveis. As grandes reuniões desportivas modernas (Mundial de Futebol, JO, etc.), com o entusiasmo que suscitam, provocam receitas de proporções consideráveis. Nasce um novo jornalismo: o desportivo. Ele ajuda a provocar e a aumentar o entusiasmo. A histeria coletiva vai ao rubro.

Referência:

Bergeron, R. (1936). *Le Sport, phénomène social, sa réglementation, le problème de la responsabilité*. Thèse de doctorat. Faculté de droit, Université de Lyon.

## **“O livro dos cinco anéis” – a arte da guerra**

---

“O livro dos cinco anéis”, escrito em 1643, é o livro mais conhecido do samurai Miyamoto Musashi (1584-1645). De um modo geral, simboliza os procedimentos de luta e de domínio sobre um ou mais adversário(s), mas, extrapolações feitas, pode ser aplicado em outros domínios da vida. Daí o seu sucesso e atualidade. Com alguma crueldade na sintaxe, o texto foi escrito de forma bastante simples. Revelou a sua arte marcial neste livro. Para o fazer, subiu ao monte Iwato, em Hiho, província de Kyushu, e pôs-se a escrever.

Os samurais, casta guerreira, eram assistentes da classe nobre. Do verbo japonês “saburau”, significa “servir como ajudante”. Nesta época, era da sua competência a defesa das vastas propriedades dos senhores. Em termos históricos, Miyamoto viveu no período inicial do terceiro Governo de Campanha, conhecido por Bakufu (paragoverno militar dos xoguns). O primeiro Governo de Campanha foi estabelecido perto do final do século XII. É conhecida por Era Kamakura. O segundo Governo de Campanha suplantou o primeiro em 1338. É conhecida por Era Muromachi. Só em 1868, com a Restauração Meiji, é que houve a preocupação de se unir o país.

A obra de Miyamoto é relativa à arte da guerra. Este duelista autodidata procura nela censurar a exibição sem sentido e a comercialização das artes marciais. Foca a sua atenção nos aspetos psicológicos e na parte física dos ataques letais, procurando a vitória na batalha. Como não existem muitos documentos da época, a vida de Miyamoto é fruto de lendas. Sabe-se que matou pela primeira vez com a idade de 13 anos (o adversário chamava-se Arima Kihei) e a última aos 29 anos. Terá depois abdicado de usar a espada verdadeira. Ainda assim, não se reformou da arte da guerra e continuou a infligir ferimentos nos seus adversários. Musashi aprimorou a sua arte de combate e criou a sua escola, chamando-lhe de “Escola Individual dos Dois Céus” (ou das duas Espadas). Sem mestre algum, treinou de dia e de noite. Viajou de província em província e conheceu vários praticantes de artes marciais. Para este incansável guerreiro, “as artes marciais são a forma de vida do guerreiro”. Exorta a todos os comandantes e soldados a praticar. “Mesmo que não revelem destreza nesse campo, os guerreiros devem aprimorar individualmente as suas próprias artes marciais tanto quanto lhes for possível, atendendo às circunstâncias de cada um (Musashi, 2021, p. 27). O essencial era superar tudo e

todos. Musashi é muito crítico relativamente ao ensino das artes marciais. Considera que elas foram transformadas em produtos comerciais, havendo pouco de substancial. Na sua perspetiva, era importante a utilização de duas espadas: tachi e katana (espada grande e espada). Independentemente de saberem usá-las, era comum para os guerreiros trazê-las nos dois flancos. Não havia uma situação apropriada para cada uma. Tudo dependia do campo de batalha e do ritmo. “De acordo com a ciência militar, a forma de ganhar uma batalha passa por conhecer os ritmos dos adversários específicos e também por nos servirmos de ritmos de que os adversários não estão à espera, produzindo ritmos informes a partir de ritmos de sabedoria” (Musashi, 2021, p. 43). O domínio da sua ciência militar não se faz ao acaso. É preciso ter em atenção vários aspetos: identificar o que é correto e verdadeiro, praticar e familiarizar-se com as artes, conhecer os princípios dos ofícios, compreender o malefício e o benefício das coisas, ver as situações com precisão, tomar consciência do que não é óbvio, ser cuidadoso, não fazer coisas inúteis, ver o que é imediato num contexto mais vasto. Se os guerreiros aplicarem os princípios elencados, não conhecerão a derrota, independentemente do número de adversários. Esta aprendizagem aplica-se em qualquer campo de atividade. É preciso, na sua opinião, saber como evitar a derrota perante os outros, ajudarmo-nos a nós próprios e fazer valer a nossa honra.

O domínio do manejo da espada não é fácil. Os movimentos dos pés, o olhar, a postura, os tipos de guarda, as aplicações das técnicas convencionais, os ritmos de batalha, os ataques e defesas, conhecer os movimentos e técnicas dos adversários, etc., devem ser tidos em conta. Isto requer anos de prática, milhares de horas de treino. O aperfeiçoamento é a razão de ser. É a Via.

#### Referência:

Musashi, M. (2021). *O livro dos cinco anéis*. Editorial Presença.

## A arte da guerra por Yagyu Munenori

---

Escrito em 1632, “O Livro das Tradições Familiares sobre a Arte da Guerra”, é da responsabilidade de Yagyu Munenori (1571-1646), guerreiro japonês, conselheiro de xogum e chefe de um serviço secreto (comandava os vassalos da família Tokugawa, controlava o castelo de Edo, inspecionava o exercício das funções dos oficiais do governo, vigiava as cerimônias oficiais). Tal como Miyamoto Musashi, de que aqui já demos conta, viveu no terceiro Governo de Campanha. Yagyu foi instruído nas artes marciais pelo seu pai. Notabilizou-se nas batalhas que travou, reduzindo a pedaços os seus adversários. Teve uma brilhante carreira militar e, no final da sua vida, dedicou-se à escrita. O livro é composto por três manuscritos: “a espada que mata”, “a espada que dá vida” e “sem espada”. A primeira refere-se à utilização da força para dissipar a violência e a desordem. A segunda representa a preparação para os problemas e a terceira é a capacidade de se utilizar o meio envolvente, ou seja, aprender a evitar ser dilacerado quando não se dispõe de uma espada. O que Yagyu nos explica é que o uso da espada japonesa tem a sua ciência; desconhecendo-a, provavelmente poderá morrer nas mãos do adversário. É aqui que reside o segredo da sua escola. Para Munenori, “a noção de que a arte da guerra serve apenas para matar pessoas é uma ideia preconcebida. Não serve para matar pessoas, mas para erradicar o mal. Trata-se de uma estratégia pensada para dar via a muitas pessoas, que passa por eliminar o mal de uma só pessoa” (Munenori, 2021, p. 129). No combate deve-se focar o olhar para as mãos do adversário, a curvatura a extensão dos braços, os ombros e o peito, manter a distância e estar em estado de alerta. Para além de todas as técnicas, o estado de espírito é importante, e se o combatente partir para o ataque, sem a devida preparação mental, os movimentos de nada servem. O objetivo, segundo Munenori (2021, p. 147), é “permanecermos calmos e sossegados num plano mais elevado, ao mesmo tempo que conservamos um estado de espírito agressivo no nosso interior. Estas imagens sugerem serenidade, imperturbabilidade e calma à superfície, por um lado, e um estado de alerta agressivo no nosso íntimo, por outro”. Os mestres das artes marciais devem mostrar desapego das suas habilidades. Observados todos os princípios recomendados por si, porque o ofício militar era da sua família, será considerado um mestre das artes marciais e não um produto comercial.

Referência:

Munenori, Y. (2021): O livro das tradições familiares sobre a arte da guerra. In: Musashi, M. (2021). *O livro dos cinco anéis* (pp. 121-194). Editorial Presença.



## **Melhorar a performance das empresas pela prática das atividades físicas**

---

A sociologia das organizações atribui uma importância capital às condições de legitimidade. Entre estas condições, a dimensão desportiva pode confortar a identidade de uma organização, que se define pelo conjunto de produções simbólicas (história, crenças, ritos...) e o imaginário organizacional, isto é, a imagem da organização percebida pelos colaboradores. O impacto positivo da prática das atividades físicas e desportivas na performance global das empresas é hoje reconhecida. Promover a prática das atividades físicas e fazer do desporto uma escolha consciente, colocada sob o signo da vontade e da adesão dos dirigentes e dos trabalhadores, pode constituir uma ferramenta de gestão empresarial. Porque a prática desportiva se aprende pelo espírito de equipa, pela troca, pela partilha, pelo sucesso, pela concretização dos objetivos em comum, mas também individuais, pode dar sentido às tarefas e responsabilizar os trabalhadores. Sabemos que a prática desportiva traz emoção, energia, inovação, etc., e pode se integrar nas práticas das empresas atentas ao desenvolvimento pessoal de cada um. Porque o desporto permite ousar, de colocar tudo em questão, de analisar as derrotas e as vitórias, pode incitar ao reconhecimento da coragem empresarial, no alavancar de iniciativas e no direito de errar. Deveremos encorajar os empresários e dirigentes a promover a prática desportiva nas suas empresas. Eles devem ter em consideração o envelhecimento dos seus colaboradores, dado que o número de ativos com mais de 50 anos tem vindo a aumentar, e assim vai continuar nos próximos anos. A performance global das empresas pode ser fortemente afetada pelo stress. Os efeitos são numerosos: falta de concentração, falta de motivação, custos elevados ligados ao absentismo laboral e aos problemas de saúde ou ainda a rotação elevada (“turn-over”) do pessoal. O impacto positivo sobre a performance global da empresa, nomeadamente no âmbito da saúde e da segurança no trabalho não pode ser subestimado. O bem-estar não é apenas propor condições de trabalho satisfatórias. É também melhorar a saúde e a higiene de vida dos colaboradores. Não nos esqueçamos do “presenteísmo”, ou seja, o fenómeno segundo o qual o trabalhador está no seu local de

trabalho quando o seu estado de saúde físico e mental não lhe permite ser plenamente produtivo. Se as grandes empresas já têm isso em consideração, as PME tardam a fazê-lo.

## Alguns jogadores de futebol correm mal

---

Os estudos ICILS – *International Computer and Information Literacy Study* (2013 e 2018), levados a cabo pela *Association for the Evaluation of Educational Achievement* (IEA), colocam em evidência que nascer num mundo digital não significa necessariamente que alguém seja digitalmente competente. Ao contrário da visão comum, de que a geração jovem de hoje é uma geração de “nativos digitais”, as descobertas dos primeiros dois ciclos deste estudo internacional indicam que os jovens não desenvolvem habilidades digitais sofisticadas.

O mesmo se aplica para a educação física e desporto. Quando dei aulas na Université Paris-Ouest Nanterre La Défense, era referido pelos meus colegas que alguns alunos que frequentavam a licenciatura em Educação Física e Desporto não sabiam correr. Claro que nesta afirmação nada havia de científico e não se poderia generalizar. Era apenas uma observação.

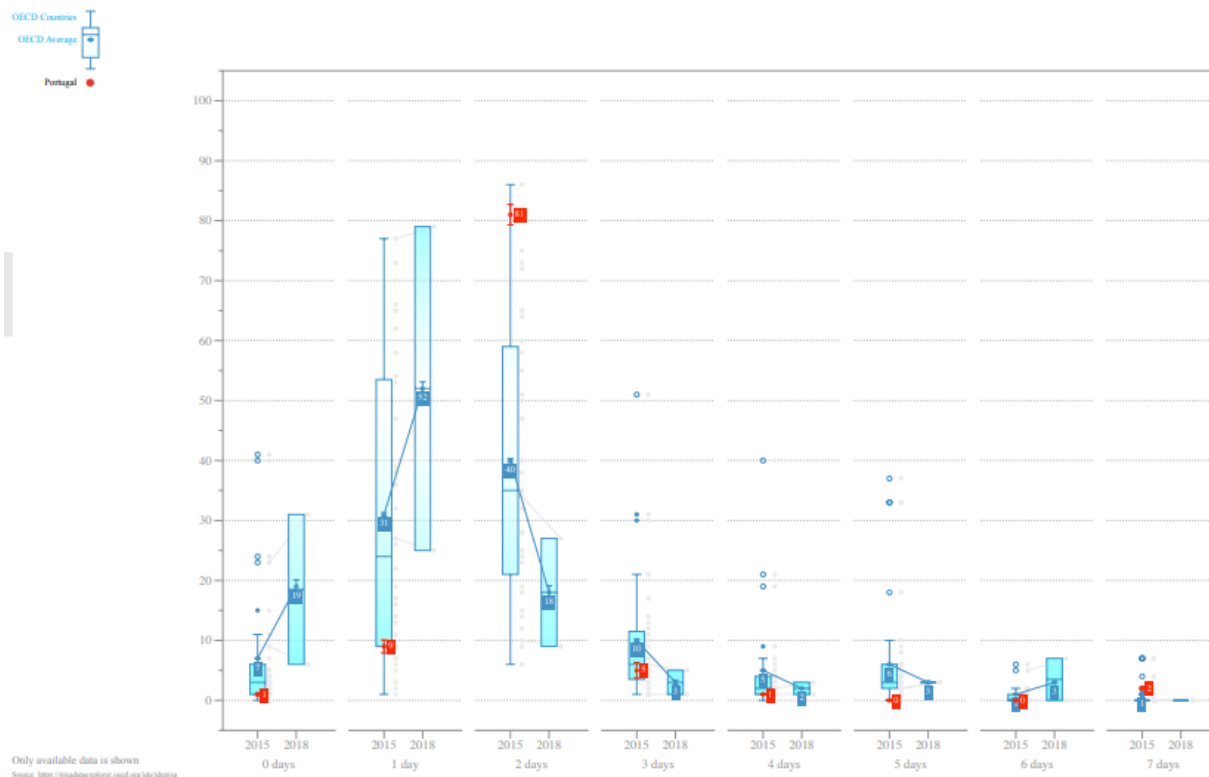
Quando a evolução do futebol tende para mais rápidas transições e corridas de grande intensidade, as técnicas de corrida dos(as) jogadores leva-nos a interrogar. Qual a melhor técnica e o melhor treino para otimizar a sua velocidade e prevenir as lesões? Alguns jogadores atingem velocidades impressionantes. [Jacques Borlée](#), conhecido treinador de atletismo e antigo campeão da Bélgica dos 100, 200 e 400 metros, referia no site <https://www.dhnet.be/>, em 2021: “os futebolistas mais rápidos têm estatísticas de velocidade ligeiramente mais baixas do que as mulheres mais velozes sprinters. Se bem treinados, podem certamente alcançar tempos semelhantes aos das mulheres mais rápidas do mundo”. Sem pôr em causa a bondade das suas declarações, será que é preciso aspirar que os futebolistas corram como *sprinters*? Não necessariamente, dado que as questões de contexto são diferentes entre as duas modalidades desportivas. No entanto, muitos (se não a maioria) de jogadores de futebol poderiam limitar as suas lesões e correr mais depressa com um melhor conhecimento do seu perfil de força-velocidade-potência e a melhor técnica de corrida. Afirmar que os jogadores de futebol não sabem correr é um resumo demasiado grosseiro. Eu corrigiria esta suposição para “alguns jogadores de futebol correm mal”. Mas, uma vez mais, é preciso contextualizar: correr mal em relação a quê? Querer tentar implementar o modelo técnico do *sprinter* de 100 metros a um jogador de futebol é um erro.

## O PISA e a literacia física

---

Os estudos internacionais desenvolvidos a partir de questionários são cada vez mais numerosos e abrangem diferentes domínios. Os da educação dizem respeito a diversos níveis de ensino (da educação básica à universidade) e também aos adultos não escolarizados. Várias revistas e obras especializadas fazem eco destes estudos, insistindo sobre os seus objetivos, os métodos utilizados e os seus resultados. O *Programme for International Student Assessment* (PISA), conduzido pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e que incide tradicionalmente sobre a leitura, as ciências e a matemática, e mais recentemente inclui a resolução colaborativa de problemas e a literacia financeira, o *Trends in International Mathematics and Science Study* (TIMSS), que abrange a matemática e a física, e o *Progress in International Reading Literacy Study* (PIRLS), que incide sobre a leitura, ambos realizados pela *International Association for the Evaluation of Educational Achievement* (IEA), são, certamente, os mais conhecidos e tornaram-se uma referência para a governação nos campos da educação e da formação. Dado que todos estes estudos se centram essencialmente na avaliação dos alunos, foram designados pelo acrónimo ILSAs, que significa *International Large-Scale Assessments*. Vários documentos e bases de dados, de acesso livre, podem ser encontrados(as) na Internet e, ao longo dos anos, todos eles se dotaram de recursos humanos, metodológicos e tecnológicos importantes.

Nas perguntas realizadas aos alunos participantes no PISA, com 15 anos de idade, existe algumas sobre a atividade física (escolar e extra-escolar). Damos um exemplo: em média, quantos dias, por semana, frequenta as aulas de educação física? Comparando 2015 e 2018, dois ciclos do PISA, o gráfico seguinte revela que a média dos países da OCDE é, maioritariamente, de dois dias. Em 2015, os países da OCDE apresentavam uma percentagem de 40%, descendo para 18%, em 2018. No caso português, a percentagem foi de 81%, em 2015, não havendo valores percentuais para 2018.



Fonte: OCDE/PISA (2015-2018)

Várias críticas são feitas ao PISA (Teodoro, 2022). Lemos (2014), por exemplo, agrupou-as em nove: diferenças culturais, tradução dos itens, processo de amostragem, indiferença pelos currículos nacionais, distorção das políticas educativas, design transversal, funcionamento diferencial dos itens e a modelação de escalas, efeitos dos rankings nos sistemas educativos, influência e dominação da OCDE. Eu acrescentaria uma outra crítica, que é o privilegiar-se demasiado os três domínios principais (leitura, matemática e ciências), em detrimento de outras, não menos relevantes, como a literacia física.

#### Referências:

Lemos, V. (2014). *A influência da OCDE nas políticas públicas de educação em Portugal*. Almedina.  
Teodoro, A. (Eds.) (2022). *Critical Perspectives on PISA as a Means of Global Governance Risks, Limitations, and Humanistic Alternatives*. Routledge.

## O desporto europeu

---

Reconhecido por todos os países da Europa ocidental, o desporto é um fenómeno de grande importância social, económica e cultural. Historicamente, o desporto desenvolveu-se sob uma forma associativa. Esta característica comum tem a ver, em primeiro lugar, com o aspeto voluntarista, juntando os adeptos de uma mesma modalidade desportiva. Por outro lado, decorre do facto de o fenómeno desportivo ser o culminar de uma multitude de iniciativas privadas. Ele estruturou-se muito rapidamente, instaurando no seio de cada modalidade desportiva uma universalidade de regras de prática e de competição, impondo que sejam idênticas para todos. Paralelamente, organizou-se numa lógica de agregação federativa, estabelecendo uma continuidade entre os diferentes níveis de exercício local, regional, nacional e internacional. O Comité Olímpico Internacional (COI), criado por Pierre de Coubertin, assumiu um papel fundamental, graças ao poder federativo dos Jogos Olímpicos (JO). O movimento desportivo transpõe amplamente as fronteiras dos países. A sua unidade formal, não exclui, no entanto, uma grande diversidade, sobretudo ao nível da multiplicidade de modalidades desportivas, que não deixaram de aumentar.

Como na maior parte dos países da Europa ocidental, o voluntário associativo é um dos fundamentos essenciais da organização desportiva. A figura do dirigente desportivo voluntário está omnipresente. Ele assume as funções políticas (relações com o exterior, com os poderes públicos, os parceiros financeiros, os eleitos locais...), administrativas (presidente da associação, secretário, tesoureiro...), técnico (organizador, treinador).

No âmbito das organizações supranacionais é de destacar o papel precursor do Conselho da Europa (CE), que integra, atualmente, 47 estados-membros, 27 dos quais são também membros da União Europeia (UE). Historicamente, é uma das instituições europeias mais antigas (fundada em 1949). Tradicionalmente, está orientada para a proteção dos direitos humanos e dos princípios da democracia, mas manifesta um verdadeiro interesse pelo desporto. A UE interessou-se pelo desporto mais tardiamente (finais dos anos 1980). Várias razões explicam isso: inicialmente, estava orientada para a construção de um mercado único, baseando-se no princípio da livre circulação de mercadorias, pessoas, capitais e serviços. Por outro lado, a tradição de independência das autoridades desportivas e a diversidade e

complexidade das organizações desportivas pode explicar o pouco interesse original. O interesse do Parlamento Europeu (PE) pelo desporto data de 1980, adotando, em 1984, uma resolução sobre o desporto na UE. Desde então, tem multiplicado as resoluções.

Apesar de alguns elementos de unidade, devido essencialmente à ação federativa e unificadora das autoridades desportivas internacionais, a Europa não escapa à constatação de que surge política e culturalmente diversa e fragmentada. Existe uma grande diversidade de modos de organização administrativa responsáveis pelo desporto e uma variabilidade de papéis desempenhados pelos poderes públicos, em complemento com as instâncias desportivas federativas.

## O desporto e a arte

---

À primeira vista, prática desportiva e expressão artística são duas coisas que não têm pontos comuns ou uma ligação particular. O desporto pode ser definido por quatro elementos: a prática de um esforço físico, a orientação para a competição, uma atividade institucionalizada, com regras comuns, e uma prática federada. Quanto à arte, pode ser definida como sendo uma atividade humana, onde o produto desta atividade se direciona para os sentidos, as emoções e o intelecto. Como o desporto, a arte é uma construção cultural. Bismuth (2011), entende a arte como um desporto de combate.

Apesar da barreira que, aparentemente, associam estas duas palavras, a sua ligação é real. O desporto pode existir sob uma forma artística, mas a arte pode também ter o desporto como suporte. A dança, a patinagem artística, a ginástica, por exemplo, está em paralelo com a arte. Por outro lado, a fotografia, a pintura, a escultura, o vídeo, etc., são elementos importantes em matéria desportiva. O desporto pode, assim, tornar-se arte através da uma máquina fotográfica ou de uma câmara de filmar, mas também pode passar por artes mais manuais, como a pintura e a escultura. A ligação “desporto-arte” não é uma simples implicação (...=>...), mas uma equivalência (...<=>...). É, neste sentido, que certas práticas desportivas são consideradas como artísticas porque belas a ver (arte => desporto), mas também o desporto pode ser representado de forma artística (desporto => arte).

Na ideologia da Grécia Antiga, a superioridade física e a perfeição moral são dois fundamentos indissociáveis. É, por isso, que na escultura, nos vasos, mosaicos ou nos frescos murais, é corrente encontrar várias representações de atletas em plena ação. Os músculos, o movimento eficaz, o gesto, lembram-nos até que ponto é necessário obter uma harmonia perfeita entre o corpo e a alma. A arte sempre tentou colocar em destaque a imagem do desporto, mesmo antes de ele ser chamado assim. Uma das mais célebres estátuas da Antiguidade, atribuída ao escultor ateniense Míron, e datada do século V a.C., representa um atleta a lançar um disco. Chamado “Discóbolo”, esta estátua é geométrica. Teoricamente, representa um homem com uma musculatura pura e ideal. Os séculos que se desfilam a seguir revelam-se famélicos em termos de representação do desporto, com a exceção de alguns quadros que nos mostram o jogo de palma (desporto de raquetes, do qual o atual ténis é



descendente) em voga na corte de Louis XIV. As preocupações artísticas da época gravitam em torno da moral cristã e da religião em geral, rebaixando o corpo a uma simples bestialidade e opondo-se a virtude de espírito considerada mais próxima do divino.

Quando o desporto parece ter desaparecido dos radares artísticos, é no final do século XIX que a arte se interessa por ele novamente. É a celebração do corpo em movimento, a ode ao esforço físico e ao evento do prazer pelas atividades ao ar livre. Huitorel, crítico de arte e autor do livro “La beauté du geste : l’Art contemporain et le sport” (2005), refere que o evento do desporto, no sentido mais restrito, e a emergência da modernidade artística nas sociedades ocidentais são rigorosamente contemporâneas. Os Impressionistas retiram os seus cavaletes, as suas telas e os seus pincéis do atelier para se abrir ao mundo. Eles representam o que veem e isto faz eco aos lares dos seus contemporâneos. *Les régates* de Claude Monet ou de Alfred Sisley, as corridas de cavalos de Edouard Manet ou de Edgar Degas são alguns dos exemplos. Os vanguardistas do século XX vão prosseguir nesta vida traçada pelos Impressionistas e se interessam pelo desporto pelo prisma do movimento e da velocidade, características dessa época. Entre 1912 e 1916, Robert Delaunay se ataca a uma série de obras, pintando o rugby, o futebol e a corrida, com o famoso “Courreurs” inspirado pelo Cubismo.

Entre 1912 e 1948, nas provas olímpicas de pintura, escultura, literatura, música e arquitetura, 150 medalhas foram atribuídas. O barão Pierre de Coubertin (1863-1937), célebre inventor dos Jogos Olímpicos (JO) modernos, em 1896, associa arte e desporto, como sendo um meio primordial de guardar uma ligação com o espírito dos Jogos que se desenrolaram na Grécia Antiga. Para concorrer, os artistas deveriam enviar as suas obras para o Comité Olímpico do seu país, que fazia uma primeira triagem e seleção para depois enviar para o Comité Olímpico Internacional (COI). As obras, que se deveriam inspirar do desporto, eram depois expostas durante o momento dos Jogos.

Vejamos alguns exemplos de arte e desporto:

Figura 1

Notícia no jornal Fígaro sobre o Prémio Olímpico de Escultura, JO, 1924.

## Un Grec remporte le Prix Olympique de Sculpture

ATHÈNES. — La nouvelle que le premier prix de sculpture, au concours d'art des Jeux Olympiques, venait d'être attribué, par le jury parisien, à M. Dimitriadis, artiste grec, pour son *Discobole*, a suscité dans tous les milieux artistiques d'Athènes un vif émoi. Les journaux rappellent que M. Dimitriadis a été formé à l'école française, et ils écrivent que cette haute récompense honore autant l'art français que la Grèce. Ils ajoutent que cet éminent statuaire, fixé à Paris, où il expose, est d'ailleurs un exemple de la fraternité artistique qui unit les deux nations.

Figura 2

Cartaz dos JO em Londres, 1948



Figuras 3 e 4

Jean Jacoby, pintor: à esquerda, “Rugby”, à direita, “Corner”, 1928



Figura 5

Cartaz sobre as provas de atletismo dos JO de Amesterdão, 1928



Este é um amplo campo de investigação, interligando a história da arte e o desporto. Eram bem-vindos trabalhos desta natureza.

#### Referências:

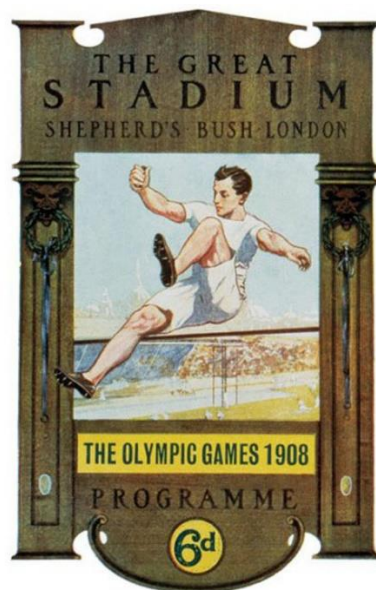
- Bismuth, L. (2011). L'Art est un sport de combat. *Critique d'art Actualité internationale de la littérature critique sur l'art contemporain*, 38, 1-2.
- Huitorel, J.-M. (2005). *La Beauté du geste : l'art contemporain et le sport*. Ed. du Regard.

## O olimpismo de 1908

---

Grandemente maltratado pela cidade da Luz (Paris) (em 1900) e St. Louis (em 1904), o olimpismo estava quase moribundo em 1908. Organizar os Jogos Olímpicos (JO) era um desafio. Roma não quis enfrentá-lo de frente. Interpretando o espírito de Pierre de Coubertin, Londres aceitou a organização de bom grado. Estes JO foram longos, tendo sido disputados ao longo de 178 dias. A competição foi inaugurada em 24 de abril e encerrou no dia 31 de outubro de 1908. Atraiu muitos países, galvanizou atletas e fez vibrar as multidões. Os JO foram considerados um êxito.

Figura 1: Cartaz dos JO, 1908



Juntamente com este evento, organizou-se outro de caráter não desportivo. Foi a grande exposição franco-britânica, que teve lugar nas longas margens do Tamisa.

Figura 2: Cartão-Postal da Exposição Franco-Britânica, 1908



Fonte: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DezzBPGt/> (consultado em 15/03/2022)

Para os JO, ergueu-se uma estrutura desportiva, em Shepherd's Bush. Considera-se que terá sido o primeiro estádio olímpico contruído de raiz. Em Atenas (em 1896), tinha sido restaurado o Panatenaico. E no caso de Paris e de St. Louis tinham sido improvisadas umas instalações.

Os Jogos foram alvo de protestos nacionalistas: os finlandeses não quiseram desfilar debaixo do símbolo imperial russo. Os atletas norte-americanos não quiseram baixar a bandeira em saudação do rei do Reino Unido e da Irlanda, Eduardo VII (1841-1910). Os juízes britânicos foram acusados de serem demasiado bairristas. Conta-se também que o atleta norte-americano Forest Smithson terá corrido 110 metros barreiras com uma bíblia na mão, protestando por a prova se ter realizado num domingo.

O megaevento reuniu 2034 atletas (1998 homens e 36 mulheres), representando vinte e dois países. A Grã-Bretanha dominou: 56 medalhas de ouro, 50 de prata e 39 de bronze. Os EUA ficaram-se pelas 23 medalhas de ouro, 12 de prata e 12 de bronze.

Demetrius Vikelas (1835-1908), o primeiro presidente do Comité Olímpico Internacional (COI), faleceu quando se celebravam os Jogos de Londres.

## A sociologia incomoda

---

A sociologia difere das outras ciências. Uma dessas diferenças reside, sobretudo, num ponto: exige-se dela uma acessibilidade que não se pede à física. Giddens (2004) é perentório: “estudar sociologia devia ser uma experiência libertadora: a disciplina aumenta a nossa capacidade para entender e imaginar, abre caminho a novas formas de olhar as origens do nosso comportamento e faz-nos ter consciência da existência de contextos culturais diferentes dos nossos” (p. 7).

A sociologia toca em interesses vitais (Bourdieu, 2002). Revela coisas escondidas, como, por exemplo, a correlação entre o sucesso escolar, que se identifica com a inteligência, e a origem social, ou seja, o capital cultural herdado pela família. São as verdades que muitos tecnocratas e políticos, não gostam de entender. Por outro lado, revela que o mundo científico é um lugar de concorrência, orientado para proveitos específicos (prêmios, prioridades de financiamento, prestígio, etc.). No fundo, é colocar em questão a hagiografia (tipo de biografia) científica, no qual participam os cientistas. A sociologia pode surgir como incômoda. E muitos leitores leem a sociologia com os óculos do seu *habitus*, que é o que nós adquirimos, que se incarnou nos corpos de forma durável, sob a forma de disposições permanentes.

A sociologia do desporto revela também que o desporto é um campo de lutas políticas. A concorrência entre as organizações é um dos fatores mais importantes do desenvolvimento da necessidade social. Os mais antigos apresentam estratégias de conservação do poder, tirando partido de um capital progressivo. Aqueles que lutam pela dominação, fazem com que o campo se transforme e se restruture constantemente. “A oposição entre esquerda e direita, o antigo e o novo, a retaguarda e a vanguarda, o consagrado e o herético, a ortodoxia e a heterodoxia, muda constantemente o conteúdo, mas a estrutura continua idêntica” (Bourdieu, 2002, p. 200).

### Referências:

Bourdieu, P. (2002). *Questions de sociologie*. Les Éditions de Minuit.

Giddens. A. (2004). *Sociologia* (4.<sup>a</sup> edição). Fundação Calouste Gulbenkian.

## Ir ao ginásio para “trabalhar”

---

No seu livro *Sociologie du sport*, Magnane (1964) adotou diversas atitudes: praticante desportivo, não praticante desportivo, anti-desporto e pró-desporto, demonstrando que o desporto é um fenómeno social que impregna a vida quotidiana dos seres humanos. A prática desportiva, como todas as atividades de lazer, situa-se na parte do não-trabalho, que a expressão “tempo livre” coloca em destaque de forma significativa. Livres das suas obrigações e papéis tradicionais que a sociedade lhes impõe, os indivíduos acedem a uma consciência renovada da sua natureza. É o tempo de liberdade. Como refere Magnane (1964), “é impossível explicar a atração relativamente ao desporto pelo trabalhador moderno se não se tiver em conta o jogo dialético entre as semelhanças e as diferenças da atividade do trabalho e a atividade do lazer” (p. 66). “Trabalhar um movimento” (treino) é uma obra que requer paciência. “Jogo trabalhado ou trabalho jogado”, como sublinha Magnane (1964, p. 63), os treinos desportivos tornam-se rapidamente uma atividade de lazer assídua e intensa. Torna-se numa das principais atitudes do individuo na sociedade, ao mesmo título que a sua atividade profissional. Nos treinos desportivos, os praticantes procuram compensar um trabalho cada vez mais intenso por atividades de lazer com uma intensidade correspondente. O praticante deve operar no seu sistema muscular e nervoso uma transformação, uma aprendizagem que exige atenção, perseverança, uma progressão entre o excesso e a indulgência. Para lutar contra a fadiga do trabalhador, por exemplo, o treino desportivo propõe métodos eficazes. O praticante aprende a negar a fadiga. Nenhum praticante aceita considerar o treino como um jogo. É “trabalho”, pelo menos é o que ouço dizer pelos praticantes e observo num ginásio local. O treino é um conjunto de exercícios metódicos e pacientes. No seu livro, Magnane (1964) relata um episódio interessante, que interessa aqui referir: numa tarde bastante quente, em finais de junho, num treino de judo, um praticante escorria em suor. O praticante era cozinheiro num grande restaurante, onde já transpirava enormemente antes do treino, no exercício da sua profissão. Como Magnane ficou admirado de o ver contente por estar a suar, o praticante reiterou que ele adorava aquilo. Se fosse correr para um estádio, era para se divertir. Ali, no clube, ele ia para trabalhar, mas não era trabalho. No treino, ele se entregava verdadeiramente; era para ele que trabalhava. O que mudava tudo.

No fundo, o que mudava era a liberdade reconquistada. O praticante escapava à alienação que o quadro da sua atividade profissional lhe impunha. O mesmo acontece com alguns praticantes no ginásio que frequento. Eles não vão apenas treinar. Eles vão trabalhar (os músculos, o bem-estar, etc.). “Os ‘sujeitos’ são na realidade agentes actuates e cognoscentes, dotados de um *sentido prático*” (Bourdieu, 2001, p. 26). Tal como Bourdieu (2001) exalta, “não podemos apreender a lógica mais profunda do mundo social a não ser mergulhando na particularidade de uma realidade empírica” (p. 4). Vão a um ginásio e observem como os praticantes se entregam ao “trabalho”; talvez mais do que nas suas profissões.

#### Referências:

- Bourdieu, P. (2001). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Celta Editora.
- Magnane, G. (1964). *Sociologie du sport*. Gallimard.



## Ouçam o que os campeões vos dizem

---

Bertrand Pulman licenciou-se em Sciences Po Paris, em 1976, tendo depois elaborado uma tese em Antropologia na Universidade de Paris 5, em 2000. Ao longo da sua carreira, tem estado envolvido na investigação e ensino das ciências humanas. Atualmente, Pulman é professor de Sociologia e Antropologia na Sorbonne Paris, e é também responsável por um mestrado na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Interessa-se pelas perspetivas sociais em três campos diferentes: desporto, família e saúde. É também um especialista no diálogo entre as ciências sociais e a psicanálise. A investigação de Bertrand Pulman, no âmbito da Sociologia do Desporto, tem muito para ensinar aos gestores e líderes empresariais. Esclarece a nossa relação com o desempenho, a relação com as dificuldades e os sucessos, e a forma como as equipas funcionam. Ele mostra o quanto a atividade física e o desporto são questões sociais, uma vez que influenciam o bem-estar, particularmente no trabalho, e a saúde individual e coletiva. No que respeita à Sociologia da Família, Pulman revela que as mudanças e a crescente diversidade de configurações familiares devem ser tidas em consideração, pois podem ter um impacto na vida das organizações. A comparação dos sistemas de parentesco no espaço e no tempo permite identificar o que constitui a base da solidariedade especificamente humana. Voltando ao desporto, os atletas de alto rendimento oferecem lições fascinantes e valiosas àqueles que as sabem ouvir. Confrontados durante muito tempo com situações complexas e intensas, os atletas desenvolveram capacidades físicas e mentais, permitindo-lhes enfrentar dificuldades, analisar oportunidades e constrangimentos, procurar soluções e encontrá-las. Obviamente, que nem todos são campeões em ascensão. Mas todos podemos beneficiar e tirar o máximo partido de quem somos, cada um no seu lugar, e de acordo com os nossos próprios objetivos específicos. Quer nas nossas vidas profissionais, quer nas esferas mais privadas das nossas realidades, é importante que sejamos capazes de mobilizar os recursos da melhor forma para atingir os nossos objetivos e ajudar aqueles que nos rodeiam a atingir os seus. Daí o interesse em estudar o que os campeões, os seus treinadores (físicos e mentais), têm para nos dizer. Ensinam-nos como estar no nosso melhor na altura certa, como manter elevados níveis de concentração, como saltar do fracasso, como fazer parte de uma equipa, e muitos outros segredos de desempenho.

Aconselhamos a leitura do seu livro: “Hyperperformance: Écoutez ce que les champions vous dissent”, das edições Palio, 2021.

## Academias de futebol

---

São cada vez mais escassos os chamados mecenas do futebol. Atualmente, os clubes viraram-se para a formação e escolas/academias de futebol. Acolhem jovens futebolistas de todo o mundo, com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos, dando-lhes a oportunidade de viver a sua paixão pelo futebol e de mostrar toda a extensão do seu talento. A abertura de academias requer condições de organização e financeiras, infraestruturas desportivas adequadas, recursos humanos, etc. Em Portugal, existem várias academias. Como qualquer empresa, elas visam o lucro. Assim, consoante a idade do interessado, cobra-se um valor financeiro mensal.

O gosto pelo futebol e as capacidades e os conhecimentos que se podem ter neste campo (futebol), não é inato. No dizer prosaico, “não existe esta coisa do génio”. A formação de um futebolista é um processo de socialização, primeiro no seio da família e depois em instituições especializadas, tais como os centros de formação/academias. A aquisição de competências e a entrada numa carreira profissional exigem, frequentemente, um mínimo de recursos (capital económico e social). A passagem pelas academias, com o seu conjunto de regras e constrangimentos, nem sempre é fácil para os jovens. Já não é a realização individual que se procura, mas o facto de “jogar coletivamente”. Numa determinada equipa, “o todo é maior do que a soma das partes”.

Era interessante que os meios de comunicação social (e não só) se interessassem pelo que se passa neste tipo de academias, a forma como são integrados os jovens oriundos de outros países sem serem da Europa, a sua “exploração comercial”, o seu aproveitamento escolar, as férias, a nutrição, etc.

## Práticas desportivas, normas e socialização

---

Sabemos que as regras de comportamento refletem ou incorporam os valores de uma cultura. Sabemos também que toda a prática desportiva está dependente de um sistema de normas/regras (produto de convenções), que, simultaneamente, prescrevem e proíbem. Essas normas/regras, codificadas, participam da institucionalização desportiva, sobretudo no que concerne ao desporto de competição. O desporto é um facto social total, que se estende pela maioria dos países do mundo, e que é partilhado por um grande número de indivíduos. Existem modalidades desportivas variadas para praticar: num clube ou de forma livre, em competição ou em lazer. Praticar desporto é uma atividade anódina nas sociedades contemporâneas, quase natural. Depois da redução do tempo de trabalho, somos orientados no sentido de uma civilização de lazer. Aparentemente, estudar o impacto de uma norma institucional na prática de um desporto pode parecer um desperdício de tempo. Com efeito, a primeira objecção que pode ser colocada consiste em dizer que sem um mínimo de ordem e de gestão, a atividade desportiva não é possível. Se assim é, que utilidade existe em problematizar este facto? Se as coisas correm por si, temo-las como adquiridas. Daí a importância da interrogação sociológica.

O tema da socialização é, igualmente, primordial para compreender o que “vai por si”, correspondendo aos tipos de comportamentos próprios nos domínios da regulação desportiva. Na verdade, os sistemas humanos são conjuntos de jogos estruturados por eles mesmos. Na nossa perspetiva, é importante se analisar as características da regulação e da normatividade, na prática desportiva (mas não só), permitindo compreender os modelos de obrigações sociais, aos quais os indivíduos se submetem.

## A prática desportiva em Montemor-o-Novo

---

Dois alunos que frequentam o 12.º ano de escolaridade em Montemor-o-Novo, Guilherme Alves e Filipe Carvalho, levaram a cabo um trabalho de investigação no âmbito da disciplina de Sociologia. O trabalho teve como principal objetivo averiguar as condições que o concelho de Montemor-o-Novo tem para oferecer aos seus atletas, e se estes estão satisfeitos com a oferta disponível. Para esta investigação, recorreu-se ao inquérito por questionário junto de várias pessoas. A pesquisa decorreu entre 5 de abril e 8 de abril, tendo obtido 76 respostas: 38 do sexo feminino e 38 do sexo masculino, com idades a partir dos 12 anos. De sublinhar que a amostra foi não probabilística, ou seja, não se pode extrapolar os dados.

Dos resultados apurados, é possível constatar que o futebol é a prática desportiva mais praticada pelos rapazes, no concelho, enquanto nas raparigas é a natação. Ou seja, para os rapazes são desportos mais coletivos e para as raparigas são práticas mais individuais. 16% (n= 8) pratica mais do que uma modalidade desportiva. A análise efetuada permite concluir que os indivíduos estão, minimamente, satisfeitos com as condições de acesso para a prática de uma modalidade desportiva. No que diz respeito ao universo em estudo, 67,6% (n= 46) dos respondentes indica conseguir conciliar o horário da prática desportiva com a escola e/ou trabalho, e 32,4% (n= 22) não tem essa oportunidade. Os dados do inquérito permitem também verificar que a prática desportiva é realizada, essencialmente, durante a parte da tarde. Perceciona-se ainda que os inquiridos já tiveram a possibilidade de participar numa competição promovida por uma organização e/ou clube. Os autores do trabalho concluem que as instituições/clubes do concelho de Montemor-o-Novo conseguem apoiar os seus atletas, quer no acesso às instalações, quer na promoção de eventos competitivos, quer ainda na promoção da diversidade das práticas desportivas. Este tipo de trabalhos, ainda que modestos cientificamente, realizados pelos alunos das escolas secundárias, são muito interessantes para a recolha de informação sobre os locais onde vivem e na participação nas comunidades (escolares, associativas, etc.) onde se inserem. A escola tem o papel de formar os cidadãos e procura dar-lhes as ferramentas que permitam desbravar novos caminhos do conhecimento. É preciso dar voz aos jovens. Apresento os meus parabéns a estes dois alunos pelo seu trabalho.

## O desporto carrega em si o peso da sociedade

---

O desporto carrega em si o peso da sociedade. Ele é o povo. É como um holograma da sociedade, mas também da sua singularidade e especificidade: o perigo de degeneração em violência é controlado pelo árbitro. É como a democracia controlada pelo voto.

Inspirando-se em Max Weber, Allen Guttmann, na década de 1970, desenvolveu a hipótese da génese do desporto como uma forma de racionalização da vida social no mundo industrial, mas sob o impulso do protestantismo. Ou seja, o desporto era um produto da ética protestante. Guttmann caracteriza os desportos modernos através de sete critérios: o carácter secular, igualitário, especializado, racional, burocrático, quantificado e a obtenção dos records. Norbert Elias e Eric Dunning chamam a atenção para a lenta transformação dos jogos físicos desde a Idade Média até à época contemporânea. A violência é atenuada e insere-se no processo geral de pacificação da vida social. Isto opera-se com a formação dos Estados modernos, em que o uso da violência é monopolizado pelas forças militares e de segurança. A teoria de Elias compreende uma dimensão psicológica.

Atualmente, o desporto constitui uma forma de instituição internacional. As razões que lhe são acordadas são múltiplas: fonte de emprego, suporte de identificação coletiva, vetor de integração social, fonte de saúde, matéria de educação, etc. Adquiriu uma extensão e uma ressonância que suscitam adesões entusiastas. Mas também reações críticas, visando o excesso de poder das autoridades sobre os jovens atletas. O desporto capta recursos públicos e as estatísticas globais escondem a diferenciação social. As modalidades desportivas de lazer não têm o mesmo recrutamento social que as modalidades desportivas praticadas em competição. No ténis, quanto mais caminha para a competição, mais o recrutamento é burguês. No ciclismo é o inverso. Se a prática desportiva varia segundo a categoria social, ela também se altera segundo o género e a região de habitação. O desporto está destinado a hierarquizar os praticantes. A partir da noção de igualdade, ou seja, as mesmas condições para todos os concorrentes à partida, ele fabrica a desigualdade, o resultado.

Como a política, os negócios ou o cinema, o desporto preenche várias funções simbólicas e (re)produz as comunidades de pertença, de excelência individual e de sucesso. É o que se pretende nas sociedades.

## A violência no desporto

---

É importante refletir sobre a violência no desporto, sobretudo pelas diferentes formas que ela pode ter: hooliganismo, agressões, insultos, gestos obscenos, etc. A questão que se coloca é seguinte: será que a violência desportiva não está fortemente ligada à sociedade que a produz? As definições habituais sobre a violência estão associadas à noção de integridade, seja ela de ordem psicológica, seja ela de ordem física. Esta noção de integridade acorda-se com o nível mais comum da teoria do sociólogo alemão Norbert Elias, que postula que o processo civilizacional em marcha desde o século XVI no ocidente levou à diminuição da violência graças à implementação do Estado. A noção de “configuração”, forjada por este autor permite uma melhor aproximação nesta reflexão. Ela permite invocar as permanências das relações entre os indivíduos no seio de grupos regulados. Uma certa forma de violência pode ser definida segundo os momentos e os locais. Disputar um jogo de futebol, distribuindo pontapés nas canelas, não era considerado violento antes de 1871, mas não é “fair-play” no início do século XX, e muito menos nos dias de hoje. Na realidade, a violência muda com as normas implementadas.

O pluralismo dos pontos de vista sobre a violência no campo científico permite considerar que este vocábulo pode dar lugar a representações diferenciadas nos espaços sociais diversificados. Os resultados das investigações sociológicas têm mostrado que a desigualdade da violência está ligada à desigualdade social e cultural no campo desportivo. Duas classes são identificadas: os desportos com “violências duras”, social e culturalmente “pobres” (futebol, desportos de combate, por exemplo) e os desportos com “violências doces”, social e culturalmente “ricos” (vólei, ténis, por exemplo). Entre os desportos de contacto e os desportos sem contacto, uma fina barreira se instala às violências diretas.

## **A integração social pelo desporto: representação e realidades**

---

Antes de explorar as relações que o desporto tem com as noções de integração e/ou inserção social, convém aqui discuti-las. Numa primeira análise, podemos nos contentar com a definição emitida numa aproximação durkheimiana, postulando que a integração designa o processo pelo qual um grupo social se apropria do indivíduo para assegurar a sua coesão. Quanto à inserção, ela reenvia para a incorporação de uma pessoa num ambiente social mais restrito. Muitas vezes utilizados indiferentemente, e sobretudo em matéria desportiva, estes termos são complexos e fonte de evidentes fachadas. Convida também a alguma prudência. O desporto integra por “natureza” é, muitas vezes, veiculado pelos atores sociais do desporto ou pelos políticos de todos os horizontes ideológicos e pelos meios de comunicação social. Apoiando-se sobre as pretendidas virtudes educativas, cívicas e cidadãs, inalteradas no tempo e aos eventos do exterior, o desporto terá uma capacidade natural de integração e/ou de inserção social. Mais do que redutora, esta visão é um construto ideológico. No entanto, ela perdura e se reforça, ajudada por algumas atualidades simbólicas e pela mediatização de percursos isolados ou excecionais. Mais do que uma crença, a integração pelo desporto é hoje erigida a postulado, passando do estatuto de mito a quase uma realidade, a uma certeza, independentemente das condições em que a prática desportiva se desenvolve.

A realidade é que não existem resultados tangíveis que mostrem que uma integração e/ou inserção pelo desporto se opera de maneira automática e constante. É necessário, para avaliar os efeitos a médio e a longo prazo das práticas desportivas, ditas integradoras, ter em consideração várias variáveis ligadas à prática, ao seu enquadramento e aos praticantes. Este tipo de estudos ainda não se realizou em Portugal, ou os que se realizaram são pontuais. Alguns elementos reforçam a ausência deste tipo de estudos: a parte consagrada às políticas públicas não é tida em consideração e não existem grandes preocupações de rigor metodológico e científico. Raros são os estudos sobre a inserção profissional pelo desporto, a luta contra a exclusão profissional, a seletividade do mercado de trabalho desportivo ou a reinserção pelo



emprego desportivo de público em dificuldade. Por outro lado, o contexto económico do financiamento da investigação em Portugal é mais ou menos dominado por uma rentabilidade económica.

A integração social supõe que os indivíduos se inscrevam em solidariedades, que eles adiram aos objetivos e aos valores da sociedade, e que se conformem às regras prescritas. A integração não se reduz à entrada numa prática desportiva. A integração social pelo desporto é também simbólica. Na realidade, os dispositivos de integração pelo desporto apenas podem ajudar no âmbito dos efeitos negativos criados pelas sociedades neoliberais.

## O desporto e a política

---

A história lembra-nos que o desporto e a política não fazem um “bon ménage”. Ao longo dos tempos, o desporto foi, muitas vezes, instrumentalizado pela política (Boucher, 2010). Em 1936, vemos como um regime totalitário exerceu pressão ou mesmo chantagem sobre o Comité Olímpico Internacional (COI) (Wahl, 2004). Apesar dos protestos desta organização, os judeus foram excluídos das competições, dado que na Alemanha eles não podiam pertencer aos clubes desportivos. Foi também pela mão do Reich que os jornalistas correspondentes foram recrutados para a imprensa internacional. A festa olímpica assumiu as cores nazis, com a presença massiva de bandeiras com a cruz suástica e o desfile de milhares de membros das juventudes nazis.

O desporto é ambíguo por este fervor quase religioso, em que a multidão é chamada a participar. Como se torna cada vez mais visível com o desenvolvimento dos meios de comunicação (rádio, televisão, etc.), muitos são tentados a se servirem dele. Hitler foi o primeiro a pensar na exploração cinematográfica dos Jogos Olímpicos (JO), encomendando a Leni Riefenstahl (1902-2003) o filme “Os Deuses do Estádio”, no qual se faz o hino à beleza física que habitava na ideologia nazi.

Mas a recuperação do desporto não é feita somente pelos regimes totalitários. Os que podem explorar (ou são tentados a fazê-lo) a sua visibilidade. Recordamos os atletas negros que levantaram o punho no pódio no México, em 1968. Os terroristas também se serviram dele em Munique, em 1972, ou em Atlanta, em 1996. Por seu turno, os países de Leste utilizaram a visibilidade desportiva para promover o seu regime, dopando massivamente os seus atletas.

O “show desportivo” seduz multidões inteiras.

## Georges Vigarello e a sua História da Fatiga

---

Stresse, “burn-out”, esgotamento físico e mental: os séculos XX e XXI são vistos como uma extensão do domínio da fadiga. Os esgotamentos físicos e mentais vão desde o trabalho a casa, do lazer às condutas quotidianas. Uma hipótese atravessa o livro do historiador e agregado de filosofia Georges Vigarello, na “Histoire de la fatigue : du moyen âge à nos jours”, publicado pela Seuil: um ganho de autonomia, real ou imaginário, foi adquirido pelo indivíduo das sociedades ocidentais e a descoberta do “eu” mais autónomo e o sonho permanente de liberdade tornaram mais difíceis suportar tudo o que pode nos constranger ou entravar. O autor, com quem tive o privilégio de conversar por breves momentos em Paris, coloca a questão: o que nos aconteceu? Este livro, inovador, revela uma história pouco estudada, rica de metamorfoses e de surpresas, desde a idade média aos dias atuais. As formas “privilegiadas” de fadiga evoluíram com o tempo. Os sintomas de cansaço se modificaram, as palavras se ajustaram, as explicações se desdobraram e as reivindicações surgem com maior acuidade. Esta obra é um percurso apaixonante que cruza a história do corpo e das sensibilidades, as estruturas sociais e o trabalho, a guerra e o desporto, até às questões da intimidade. A crise sanitária e o confinamento pela Covid 19 aceleraram o fenómeno: a fadiga está em todo o lado. A história da fadiga cruza-se com outro dos campos de investigação favoritos do autor: o do sentido de si mesmo. O aumento do individualismo inventa novas formas de fadiga, que nascem do fosso entre os sonhos cada vez maiores de autonomia e de autorrealização e as formas de constrangimento e de controlo que estão constantemente a reforçar o seu domínio, particularmente no que diz respeito a ritmos e a condições de trabalho. Os leitores familiarizados com o trabalho de Georges Vigarello encontrarão nele a marca do seu interesse pelas práticas desportivas, ou pela silhueta, cujo cânone evoluiu no século XIX com a crescente importância da respiração e a consequente valorização de novos índices de robustez física, a

circunferência do peito em primeiro plano, medida por recrutadores militares e acentuada pela moda dos coletes. A fadiga pode revelar uma sociedade e a sua evolução.

## Desporto, integração e inserção

---

Existe um discurso partilhado sobre as virtudes do desporto, como prática e como organização, sobretudo a integração social. Esperamos muito do desporto, quando outras políticas, nomeadamente as educativas, as de emprego ou as da família falham. O desporto não contém virtudes intrínsecas. Ele não é educativo ou integrador enquanto tal. Na verdade, são os valores que nós lhe atribuímos. Isto significa que a prática desportiva pode constituir um fator de integração, mas também de exclusão. Como refere Gasparini (2005), as formas de chauvinismo, de elitismo, de rejeição dos menos aptos, de nacionalismo e de racismo nas práticas desportivas mostram a dificuldade em afirmar que o desporto integra naturalmente. Ao longo do século XX o desporto serviu, explícita ou implicitamente, duas finalidades: 1) ao serviço do elitismo aristocrático e burguês (o movimento desportivo nas suas origens), o racismo, a dominação masculina e de exclusão social (se consideramos a distribuição social desigual das práticas desportivas); 2) ao serviço da democratização dos lares e de inserção dos mais desfavorecidos.

O postulado de integração pela instituição desportiva junta-se à análise das instituições de Durkheim, segundo a qual a integração social supõe que os indivíduos se inscrevam em solidariedades, que eles adiram aos objetivos e aos valores da sociedade e que eles se conformem com as regras prescritas. A integração social pode ser uma vontade voluntária e consciente, mas também pode ser um ato involuntário e inconsciente. O desporto também integra pelo processo de reprodução social.

São raros os trabalhos de investigação sobre a inserção social pelo desporto. Mais raros ainda são os trabalhos de investigação sobre a inserção profissional pelo desporto.

### Referência

Gasparini, W. (2005). Les contradictions de l'intégration par le sport. In Marc Falcoz e Michel Koebel (dir.). *Intégration par le sport: représentations et réalités* (pp. 243-260). L'Harmattan.

## Turismo desportivo

---

Do ponto de vista histórico, é nas primeiras manifestações desportivas que encontramos a associação entre o desporto e o turismo. Pausanias, no seu récita, caracterizava e diferenciava os espaços de prática desportiva e os locais de hospitalidade frequentados pelos espetadores dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, que surgiram no ano 776 A.C., e se repetiam de quatro em quatro anos, durando milhares de anos. As instalações desportivas edificadas permitiam acolher um vasto público. A famosa cidade grega Olímpia podia acolher quarenta mil pessoas. Sabe-se que os atletas eram acompanhados pelos “fans”, que os encorajavam durante as competições. Mas é preciso esperar pelo fim do século XIX e início do século XX, com o estabelecimento do desporto moderno, para que se estabeleçam estes dois fenómenos.

A noção de desporto é um saco vazio que cada um enche como quer. As definições desta atividade não se simplificaram com a chegada de novas práticas, jogging, práticas “californianas”, “livres”, “fun”, “de deslize” (em água ou na neve) “desorganizadas”, “auto-organizadas”, “selvagens” que se vieram juntar às modalidades federadas tradicionais. O mesmo se passa para o turismo. Os diferentes Observatórios, nacionais ou internacionais, têm dificuldade em identificar os limites e estabelecer uma definição. Distinções subtis são propostas entre turismo e excursão. Os tipos de turismo simples na origem (de vilegiatura e de negócios) tendem a se multiplicar e a desmultiplicar (religioso, de memória, cultural, gastronómico, etc.), cada um podendo comportar um certo número de nichos, mostrando a riqueza desta atividade, que consiste, antes de mais, a deixar o domicílio habitual por um lugar mais ou menos afastado e por uma duração mais ou menos longa, que se vai encontrar com um certo número de pessoas que nunca se teriam conhecido em outras circunstâncias (salvo se integrarmos o turismo virtual na definição, no qual é possível “fazer turismo” sem sair da sua sala, a viagem se efetua pelo écran da televisão ou por computador). De facto, estas duas palavras abrangem múltiplas realidades e, por isso, é muito delicado em se apresentar uma definição, um só sentido aos termos.

O turismo desportivo não tem uma tradição na história das férias, do turismo ou do desporto. É um produto com contornos vagos. Na maioria dos países ocidentais, o interesse pelo turismo desportivo nasceu de um duplo movimento. O primeiro, é a associação e a crescente integração de práticas e representações tradicionalmente veiculadas pelo desporto como uma atividade de lazer em produtos turísticos. O segundo, caracteriza a amplificação social do lazer desportivo que se funda cada vez mais em práticas sociais, escapando assim ao quadro espaço-temporal do universo desportivo. O turismo desportivo parece fazer parte de um processo original de cruzamentos, mas que se encontra em evolução.

A participação em grandes eventos desportivos (Jogos Olímpicos, Campeonatos do Mundo, etc.) combina o turismo com serviços desportivos, mesmo que o consumidor seja passivo. Outra categoria de observações combina desporto e turismo num destino de férias. Outras reflexões centram-se na visita de lugares culturais relacionados com o desporto: museus, monumentos, instalações desportivas, atrações. Entre estas categorias de observações, existe um elemento comum: a associação ou combinação do termo "desporto", ou pelo menos elementos do desporto, com os serviços de turismo.

O desporto assume um lugar importante no imaginário das pessoas. Quando se pergunta “o que procura durante as suas férias?”, o desporto tem um lugar de destaque, após o descanso e bem-estar, o descobrir as regiões, visitar os monumentos e os sítios históricos. As respostas são homogêneas, quer nos homens, quer nas mulheres. O golfe, o ténis, a vela, as atividades de risco são algumas das modalidades desportivas plebiscitadas. As práticas desportivas durante o tempo de férias são apontadas como momentos privilegiados para se fazer encontros ou de estar juntos e não apenas como um momento de solitude.

## Práticas desportivas dos jovens em dificuldades

---

Desde a origem, as funções sociais do desporto são reivindicadas nos discursos humanistas dos “Coubertinianos”. Admite-se que a problemática da prevenção e da inserção social pelo desporto surge, em França, no início dos anos 1980, e um pouco mais tarde em Portugal. Chamamos de “ações de prevenção e de inserção pelo desporto” ao amplo conjunto de dispositivos do Estado, muitas vezes (des)articulados com as políticas municipais, os programas de ação (desenvolvidos pelas federações desportivas) e os projetos locais que se intitulam de “socio-desportivos”, de “integração”, de “inserção”, de “prevenção”, de “socialização”, de “educação”, etc., pelo desporto. A escolha da terminologia reenvia para a dificuldade de se indicar o público-alvo (jovens estrangeiros, jovens oriundos da emigração, jovens dos bairros problemáticos, jovens difíceis...). Eles confirmam também a dificuldade e a incapacidade recorrente da sociedade portuguesa (e não só!) a reconhecer o problema identitário desses jovens, de os acompanhar num eventual processo de inserção e de assegurar um desenvolvimento equilibrado dos territórios.

A diversidade das práticas desportivas é também reivindicada em nome da abertura cultural e da democratização do acesso. Mas a porta de acesso fecha-se, muitas vezes, por razões económicas e pela incompatibilidade dos habitus. E isso cria frustração. A escolha dos beneficiários das ações é um dos elementos importantes da diversidade de projetos. A primeira variável é a idade. A segunda variável é o sexo. Os projetos são muitas vezes dedicados aos rapazes, mesmo quando se dizem abertos a ambos os sexos.

Há que repensar muitos dos projetos que são levados a cabo.



## A arbitragem feminina

---

A arbitragem desportiva é, atualmente, predominantemente masculina. É pena que assim seja, pois as mulheres possuem todas as qualidades para serem grandes árbitros, mas não são reconhecidas.

Em França, Stéphanie Frappart foi pioneira na arbitragem de jogos de competições masculinas. Entre 2004 e 2009, a suíça Nicole Petignat apitou três jogos da fase de qualificação da Taça UEFA. Em Portugal, Vanessa Gomes, nascida em 1987, foi a primeira árbitra assistente do futebol profissional masculino em Portugal. Em maio de 2022, a FIFA revelou uma lista com 105 árbitros que estarão na Copa do Mundo, Qatar, dos quais 6 são mulheres.

Três sociólogos (Terfous, Pironom & Rix-Lièvre, 2019) estudaram jovens mulheres (15 e 24 anos), que arbitraram jogos de futebol e rãguebi, tanto masculinos como femininos. O seu estudo mostrou a complexidade do posicionamento destes árbitros. Para assegurarem o respeito pelo seu profissionalismo, tendem a adotar certos traços associados aos homens (autoridade, força, virilidade), mas não parecem afastar-se das normas corporais dominantes. Elas cuidam da sua imagem e enfatizam a sua feminilidade, em grande parte “devido às expectativas institucionais e aos receios dos pais”. O rãguebi é uma preocupação particular das mães, que muitas vezes temem uma forma de masculinização do corpo das filhas. As árbitras parecem estar divididas entre duas injunções contraditórias: “um corpo muscular, dadas as exigências físicas do jogo, e um corpo magro, atraente e desejável para os meios de comunicação e para a sociedade. Outro ponto interessante é que ser mulher não as encoraja a arbitrar mais jogos femininos, muito pelo contrário. “A maioria delas tem perceções negativas ou desvalorizadas das ligas de futebol feminino e de rãguebi, e quer jogar nas ligas masculinas”. Isto é, especialmente, verdade no rãguebi, onde 75% destas árbitras querem arbitrar em competições masculinas.

Le Tiec (2016) revela que as carreiras das mulheres na arbitragem não são determinadas por uma carreira desportiva frustrada, nem por uma questão de teimosia ou aspiração pessoal, nem ainda pela força de um questionamento respeitoso da ordem do género. Pelo contrário, os determinantes sociológicos lembram-nos que ainda existem processos que excluem as mulheres da arbitragem.

Um pouco mais acutilantes, Achin e Levêque (2007) sublinham que as mulheres são toleradas no mundo da arbitragem desde que, como na política, sejam ocasionalmente utilizadas como ferramentas de “reencantamento”.

No âmbito da arbitragem feminina ainda existe um longo caminho a percorrer.

#### Referências:

Achin, C., & Lévêque, S. (2007). *Femmes en politique*. La Découverte.

Le Tiec, L. (2016). Les arbitres féminines sur la touche ? Conditions d’entrées et de déroulement de carrières des femmes arbitres de football. *Marché et Organisations*, 27(3), 131-148.

Terfous, F., Pironom, J., & Rix-Lièvre, G. (2019). Les jeunes femmes arbitres de football et de rugby : des êtres d’exception ? *Agora débats/jeunesses*, 81(1), 123-143.

## Quais são os efeitos da atividade física e/ou desportiva na nossa saúde mental?

---

A saúde mental é uma preocupação mundial importante de saúde pública, como testemunham os relatórios que a Organização Mundial de Saúde (OMS) vai produzindo. Ela tem um impacto importante no âmbito da qualidade de vida dos indivíduos.

A prática desportiva está ligada à saúde, mas não apenas física. Ela também beneficia o nosso espírito, o nosso estado de alma. Um bom meio é de nos apropriarmos do célebre adágio “mens sana in corpore sano” (uma mente sã num corpo são) no nosso modo de vida. A maioria dos indivíduos concordará que a saúde mental reveste de uma importância crucial, tanto como a saúde física. É a razão pela qual muitos intelectuais, científicos, médicos, entre outros, se debruçam ou debruçaram sobre esta ligação como verdadeira “passerelle”, existente nas duas faces de uma mesma moeda.

Quando se fala em saúde mental, não deveremos entender apenas a ausência de problemas mentais. Entende-se que é algo mais amplo, que corresponde a um estado de bem-estar que permite ao indivíduo realizar-se, ultrapassar obstáculos e as tensões do quotidiano e a contribuir para a vida em sociedade. Esta mesma sociedade que, pela sua cadência infernal, é geradora, muitas vezes, de formas de desequilíbrio psicológico.

Os estudos comprovam que a atividade física e/ou prática desportiva são uma alavanca para o bem-estar. Todos sabemos que certos hábitos de vida muito laxistas (tabagismo, sedentarização, *fast-food*, falta de exercício, etc.) levam a desenvolver várias patologias, que são, de uma forma geral, testemunhos de uma sociedade “doente”. Para ilustrar isto, podemos citar os casos crescentes de hipertensão, colesterol, doenças cardiovasculares, osteoporose, diabetes e certos tipos de cancro.

A prática desportiva é o remédio, permitindo reduzir os estados de ansiedade, de stresse e de depressão. A saúde mental, tal como a prática desportiva, trabalha-se no quotidiano.

## A perspetiva sociológica

---

O termo “sociologia” foi proposto em 1839, por Auguste Comte (1798-1857), considerado o promotor desta disciplina que ele define como sendo o estudo positivo do conjunto de leis fundamentais próprias aos fenómenos sociais e que funda no âmbito das opiniões e trabalhos saídos da filosofia. De facto, antes dele, vários filósofos pensaram e tentaram compreender as sociedades, como, por exemplo, Charles de Montesquieu (1689-1755) ou Saint-Simon (1775-1825). No entanto, estes autores não forneceram, realmente, uma explicação “social” sobre o seu funcionamento. Depois dos trabalhos de Comte, Émile Durkheim (1858-1917) é o primeiro a elaborar um método científico da sociologia. Na sua obra “Les règles de la méthode scientifique”, que surge em 1895, ele avança que a sociedade não se pode reduzir à soma dos indivíduos que a compõem. Segundo ele, a sociedade possui modos de funcionamento que se distinguem dos indivíduos em particular. O seu contemporâneo, o alemão Max Weber (1864-1920), desenvolve uma sociologia compreensiva, procurando o sentido ou o significado das ações individuais. Para compreender as razões que levam os indivíduos a agir de determinada forma, Weber constrói os “tipos ideais”, que correspondem a modelos ou construções teóricas, acentuando certos traços julgados reveladores da situação observada, e que lhe servem de ferramenta de análise. Estes autores foram determinantes, dado que mostraram que o estudo do funcionamento da sociedade existe, como disciplina científica, com um objeto de estudo, uma metodologia e os modelos teóricos. A partir dos seus trabalhos, a sociologia vai desenvolver o seu próprio campo de análise e, progressivamente, especializa-se em diferentes domínios: o trabalho, a família, a escola, os jovens, o desporto, entre outros. Atualmente, podemos falar de uma sociologia plural, na medida em que é difícil conceber a existência de uma sociologia única e geral que, por si só, explique todas as especificidades do funcionamento de uma sociedade. Assim, se interessando a problemáticas cada vez mais precisas, o sociólogo

desenvolve análises próprias relativamente ao objeto que ele estuda. E prova também as dificuldades de confrontar os seus resultados com os que saem de outros domínios científicos. No caso da sociologia do desporto, ela interessa-se pelo funcionamento da realidade desportiva. Procura analisar as relações existentes entre o desporto ou, de maneira genérica, as atividades físicas e desportivas, e a sociedade. O seu objeto de estudo abrange uma realidade complexa. A sociologia do desporto procura descrever o desporto como um facto social, a explicar a realidade desportiva composta de ações, de práticas e de comportamentos heterogéneos e a compreender as interações que se estabelecem nesta pluralidade desportiva e as organizações ou estruturas sociais.

## Karaté: etnografia de uma prática corporal

---

Como se diz normalmente, o karaté é uma arte marcial. É uma arte, dado que ele permite um campo de inúmeras formas de o homem e a mulher se construírem. É uma identidade! Numa entrevista efetuada em maio de 2011, um praticante graduado de karaté responde-nos desta forma: “construí um percurso de aprendizagem, de consolidação de conhecimentos, de socialização, de amizade, de aperfeiçoamento técnico e descoberta, motivo de interesse até por outras artes marciais e desportos de combate. O enquadramento e responsabilidade institucional, como treinador e árbitro, as rotinas diárias e de calendário oficial formativo e competitivo, reestruturaram a minha vida pessoal, que o karaté assume hoje uma componente incontornável, que se funde com a familiar e profissional. É uma forma de estar, de me relacionar e de realização pessoal. Disciplina e dedicação em função de objetivos, enquanto competidor federado e da seleção nacional, árbitro internacional de alto rendimento e instrutor de classes de jovens e adultos, quer na vertente mais desportiva, quer na mais marcial, vincula a minha organização pessoal. Hoje, o karaté é parte da minha identidade”.

Para se compreender o karaté, é preciso penetrar na cultura nipónica e na sua relação com a cosmologia. Esta arte marcial oferece um conjunto de técnicas, corporais, mentais e espirituais, tornando o praticante mais perfeito, harmonioso e unificado. Muitos karatecas recusam aceitar o karaté como um desporto, mas a forma como é ensinada se identifica exatamente a uma prática desportiva (Rosa, 2017). As artes marciais japonesas, das quais o karaté faz parte, têm a sua origem na cultura samurai, que marca o tempo da feudalidade japonesa, que se estende dos séculos XII ao XIX. A cultura samurai desenvolve-se numa promiscuidade evidente com as religiões, como o budismo ou o xintoísmo. O samurai e o código bushido ainda animam o inconsciente coletivo japonês. O etnólogo Chie Nakane revela-o no livro “La société japonaise”, mas Yukio Mishima prova-o no “Le Japon moderne et l’éthique samourai”. O especialista em karaté e sociólogo Kenji Tokitsu (1979), diz que as

artes marciais apresentam uma forte vontade de fusão com o princípio universal da vida, que inclui a morte, dado que, neste pensamento, a morte não é mais do que uma fase da vida. Os heróis míticos servem de mediação entre o inconsciente individual e os fantasmas coletivos, mais ou menos conscientes. No fundo, as artes marciais são uma mercadoria ideológica que tornam o Japão célebre no mundo. As artes marciais japonesas, quaisquer que elas sejam, beneficiam de uma popularidade que as artes chinesas, coreanas ou tailandesas não conseguem atingir. Na prática do karaté encontramos um funcionamento muito hierarquizado, com as suas instituições, os ritos, os rituais e os mitos. Os praticantes de karaté encontram qualquer coisa mais do que na prática do boxe, por exemplo, como refere Le Rest (2002). Existe a importância do dojo, do kimono, dos rituais como a saudação, o caminho da progressão com a aquisição da graduação, a incorporação de qualidades como a confiança em si próprio, o controlo das emoções e o respeito pelos outros. Outros autores franceses (Patrick Baudry ou David Le Breton) colocam a prática das artes marciais nas condutas de risco.

O karaté é mistificado pelos karatecas. Mas nem todos os instrutores/treinadores têm o mesmo carisma e não empregam todos os rituais japoneses. É preciso assistir aos treinos dos mestres japoneses para se sentir a força dos ritos, dos signos e dos símbolos. Os praticantes imitam as técnicas, os gestos e as posturas que observam. Muitos procuram compreender o sentido dos gestos que produzem e se satisfazem com a suposta eficácia das técnicas. As técnicas do corpo colocadas em jogo no karaté permitem construir as representações místicas. No caso do karaté, muitos nem sabem que as técnicas são provenientes de Okinawa, da China e, antes disso, da Índia.

O combate é a razão que motiva os karatecas na prática. Para evoluir neste combate, eles se conformam com a exigência de um trabalho técnico (kihon, kata, ippon kumité) e aos ritos, como a passagem de graduação. O corpo de cada praticante é portador de um saber, de uma aquisição, de um percurso, de lesões, de fraturas, de fraquezas, de dores, de incapacidades, de equilíbrio, etc. É, muitas vezes, na dor que o praticante constrói a sua relação com o corpo. Os katas constituem a memória da arte de combate. Cada kata representa um combate real contra um ou mais adversários imaginários. Os katas exigem repetição, procurando aperfeiçoar as técnicas de defesa e de ataque. E é a graduação que determina o valor do karateca. Qual é

o papel do treinador? A resposta de um praticante avançado (4.º dan) de karaté, estilo Goju-Ryu, é esta: “o treinador é sempre um modelo. Como ainda estamos numa fase de reprodução, o exemplo do treinador influenciará sempre – positiva ou negativamente – o praticante”.

#### Referências:

Baudry, P. (1991). *Le corps extreme*. L'Harmattan.

Le Breton, D. (1991). *Passions du risque*. Métailié.

Le Rest, P. (2002). *Le visible et l'invisible du karaté: ethnographie d'une pratique corporelle*. L'Harmattan.

Rosa, V. (2017). *A prática desportiva do karaté em Portugal. Análise sociológica sobre as identidades, ideologias, comunidades e culturas dos karatecas (cintos castanho e negro) portugueses*. Tese de Doutoramento em Educação Física e Desporto. FEFD/ULHT.

Tokitsu, K. (1979). *La voie du karaté*. Seuil.



## Mais desporto na Escola

---

A crise sanitária tocou, sobretudo, os mais frágeis. Como a sedentarização ganha terreno, o desenvolvimento do desporto na Escola é uma mais-valia para a saúde e para a igualdade de sucesso dos alunos. A prática do desporto é uma necessidade. A atividade física e desportiva contribui para a educação das crianças e jovens. Ela permite: integrar as regras comuns, ter autoconfiança e conhecer melhor o corpo. Neste sentido, integrar os exercícios físicos no modo de vida, desde tenra idade, é essencial.

Em França, o Ministério encarregado pelos Desportos, tem duas prioridades para os mais jovens: aprender a nadar e saber andar de bicicleta de forma autónoma. Acredita-se que a Escola deve permitir que cada criança da República seja capaz de adquirir estas competências. É uma questão de saúde pública e de segurança. Portugal, poderia abraçar as mesmas causas. Na incapacidade das Escolas promoverem isso, deveria haver, pelo menos, uma maior articulação com os clubes locais. Por outro lado, as Escolas deveriam propor, na base do voluntariado, 30 minutos de atividades físicas por dia aos alunos. Obviamente, deveriam ser ajustadas aos contextos escolares.

A relação de uma criança com a atividade física é determinada entre os 6 e os 11 anos de idade. No entanto, mais de 90% das raparigas e mais de 80% dos rapazes, neste grupo etário, não são suficientemente ativos. Para a grande maioria das crianças, o desporto na escola é a principal fonte de atividade física. Fazer com que a geração mais jovem se mova, significa enfrentar este problema pela raiz, e dar o gosto pelo movimento físico, para além das horas de educação física e desporto já obrigatórias para todos os alunos.

## A importância da saúde mental dos atletas

---

Émile Durkheim é o primeiro a elaborar e a aplicar um método científico na sociologia. Como meio de análise, é preciso introduzir a noção de “factos sociais”, definindo-a pela sua generalidade ao interior da sociedade e descrevendo duas características: a sua exterioridade relativamente às consciências individuais e a ação coercitiva que pode exercer sobre essas mesmas consciências. Para Durkheim, os factos sociais consistem em representações e/ou ações da sociedade, e não na pessoa. Segundo esta definição, a linguagem verbal num determinado país é um facto social. É preciso, por isso, considerar os factos sociais como coisas e não como ideias abstratas. Isso, torna Durkheim o primeiro sociólogo empirista. Ele aplica o seu método a um vasto estudo sobre o suicídio, que ele compara com os diferentes dados demográficos (idade, sexo, local de residência e situação social).

A sociologia do desporto visa descrever o desporto, como facto social, e procura estudar a realidade desportiva, composta de ações, de práticas e de comportamentos. Procura compreender as interações que se estabelece entre a pluralidade desportiva e as organizações sociais. A sociologia do desporto surge tardiamente e, como a sociologia geral, os primeiros trabalhos sobre a sociedade desportiva emanam de filósofos. Os sociólogos começam a se interessar pelo fenómeno desportivo durante os anos setenta, sobretudo em França.

A prática do desporto, que associamos ao bem-estar e saúde, pode ser também destruidora. Um estudo escocês, realizado em 2016, com uma amostra de 6000 indivíduos, revelava que 10% dos jovens com menos de 16 anos se auto-mutilaram no quadro do seu desporto de competição e 1% tentaram o suicídio. Muito pouco estudada, esta violência infligida pelos atletas está bem presente e é preocupante. As tentativas de suicídio podem decorrer da “pressão associada à importância de ganhar”, ao abuso de substâncias (álcool e drogas) e da “reforma antecipada ou mal planificada”. Um atleta que deixa, prematuramente, o seu desporto de eleição e se encontra sem diploma escolar, e sem outro meio de assegurar a

sua subsistência, pode entrar num estado depressivo e, eventualmente, suicidário. Michel Phelps, um nome bem conhecido no mundo da natação, revelou a sua experiência contra a depressão. A ginasta Simone Biles e as tenistas Naomi Osaka e Ashleigh Barty decidiram colocar, em primeiro lugar, a sua saúde mental. Em Portugal, um dos atletas a fazê-lo foi o surfista Vasco Ribeiro, que revelou ter pedido ajuda profissional. Mais recentemente, dia 10 de setembro de 2022, foi o jogador de futebol Cristiano Ronaldo a partilhar uma fotografia ao lado do Jordan Peterson, conhecido psicólogo. Phelps, que se tornou um dos grandes embaixadores mundiais em defesa da importância da saúde mental dos atletas, declarou que preferia ter a oportunidade de salvar uma vida do que ganhar mais uma medalha de ouro. Na sua opinião, já se perderam demasiados atletas olímpicos para o suicídio. Merece reflexão e a sociologia do desporto poderá contribuir nessa análise.

## Desporto e ligação social

---

Com ou sem razão, as atividades físicas e desportivas são consideradas como uma ferramenta de regulação dos comportamentos julgados problemáticos nas sociedades. No século XIX, em alguns colégios britânicos, o desporto foi utilizado para prevenir o onanismo dos alunos, uma prática julgada vergonhosa pelos educadores da época e devoradora de energia, em detrimento de um crescimento harmonioso dos estudos. À medida que as décadas passam, apercebe-se das virtudes atribuídas às atividades físicas e desportivas, não apenas centradas unicamente no corpo e na sua higiene, mas no alargamento à sociedade no seu conjunto, contribuindo para a solidariedade e para a luta contra o enfraquecimento da ligação social.

A ligação social, diga-se, é o conjunto de relações entre pessoas no seio de um mesmo grupo social ou entre grupos diferentes. Mais do que uma simples relação entre indivíduos, ela permite estabelecer a coesão social e contribui para a integração, conferindo uma identidade. Vários elementos contribuem para a criação da ligação social. Alguns deles parecem ser especialmente importantes: o trabalho, a família, a comunidade, o Estado, e outros, como o desporto e a escola.

Considerar o desporto como uma ferramenta de produção com potencial de ligação social supõe a atribuição de uma função social. Será o caso? No estado atual do conhecimento, já foi demonstrado que as atividades físicas e desportivas podem ter, em determinadas condições, as funções biológicas e psicológicas, e certas funções sociais. Os meios de comunicação social e os discursos políticos fazem essa promoção, mas são, sobretudo, fruto de crenças ou de ideologias. Muito estudo encontra-se por fazer. E, em Portugal, vive-se uma espécie de sonambulismo relativamente aos efeitos da prática da educação física e do desporto.

## A evolução das práticas desportivas

---

Vários critérios caracterizam a evolução das práticas desportivas nos últimos cinquenta anos:

1. A massificação: o número de praticantes declarados aumenta regularmente, bem que nem sempre seja possível comparar os resultados dos inquéritos levados a cabo.
2. A diversificação: é a rápida emergência de algumas categorias de práticas desportivas, o surgimento de novas disciplinas no seio de uma mesma modalidade, o desenvolvimento de práticas de manutenção da forma e do corpo (fitness e outras).
3. O consumo: as práticas desportivas podem ser consideradas como produtos de consumo, como qualquer outro. Entre vários indicadores, é de considerar o “zapping desportivo”, as campanhas de promoção das federações desportivas, o marketing agressivo dos ginásios, as grandes superfícies de venda de produtos, etc.
4. A diferenciação: algumas práticas desportivas estão muito associadas às idades dos praticantes, ao género, à origem cultural, ao local de residência e à situação familiar. Os vários inquéritos sobre a prática desportiva atestam a diferenciação social no envolvimento desportivo.

Para explicar a desigualdade no acesso a certas práticas sociais e culturais, muitos sociólogos colocam a tónica nas pressões ou nas determinantes sociais, que levam a uma pessoa a agir de determinada forma. O critério económico, para certas práticas desportivas, deve entrar em linha de conta, mas não pode explicar o conjunto das escolhas. Mesmo gratuitas, alguns desportos não são permeáveis às crianças e aos jovens das classes populares, aos “rurais”, aos imigrantes, etc. Observar as práticas desportivas através do critério técnico faz surgir quatro características: a força (solicita capacidades morfológicas), a energia (gestos repetitivos), a graciosidade (a dança, a patinagem artística, por exemplo) e os reflexos (rapidez

de decisão). O compromisso e o envolvimento numa prática desportiva respondem a uma lógica social.

Uma nota final também para referir que muitos equipamentos desportivos estão, muitas vezes, ultrapassados com as novas práticas desportivas, que foram emergindo nos últimos anos.

## O desporto, lutas simbólicas e comparações

---

O desporto abre uma possibilidade quase infinita de lutas simbólicas, em que as instituições e os grupos sociais se vão entregar, não apenas para obter vitórias e troféus, mas, de forma mais escondida, impor significados particulares e distintivos ou oposicionais. A afirmação do princípio de autonomia “o desporto pelo desporto” ou “o amor pelo desporto” tornou-se uma justificação por excelência. Procura-se justificar uma inculcação de valores morais e políticos, desconhecidos como tais, e que são amplamente aceites. Por exemplo, até aos anos 1930, em França e em Itália, os partidos socialistas recusaram a competição desportiva sob o pretexto de verem nela uma prática burguesa, gangrenada pelo espírito capitalista. O desporto é objeto de códigos mais elaborados, que, ao longo do tempo, se impuseram a título de verdade histórica ou de doxa sociológica. Examinaremos duas formas de interpretação deste tipo: a primeira, é o mito das origens helénicas do desporto, que se inscreve no contexto das guerras que conduziram à formação do Estado-nação grego no final do século XIX; a segunda, diz respeito à teoria de Norbert Elias (1897-1990) que associa o nascimento dos desportos modernos a um estágio avançado do processo de civilização, no exercício da função de controle da violência física constitutiva da génese dos Estados nacionais. Estas interpretações visam um objetivo radical: não se pode falar mais de desporto como uma “coisa”, tendo propriedades intrínsecas. O desporto é uma construção social. Com ele procura-se impor uma forma de visão do mundo. Neste sentido, pensar sociologicamente o desporto não é uma coisa fácil. É preciso expor um conjunto de saberes e de crenças. Dado que as práticas desportivas são categorizadas e classificadas, os indivíduos constroem-se através delas como agentes sociais. E isso remete-nos para uma sociologia dos gostos, que nos permite compreender como os indivíduos percebem e comparam antes de agirem e de se investirem. A questão que se coloca é: porquê comparar e como comparar?

## **Qatar: o “fim” do futebol?**

---

No âmbito das guerras de audiências e de conteúdos a que se entregam os diferentes meios de comunicação social, o futebol continua a ser um produto-chave. Se um dia a sua difusão deixar de ter importância, colocará um sério problema na economia do “desporto-rei”. Para já, existe uma “teledependência”. Os direitos televisivos representam orçamentos colossais. Os jogadores tornam-se estrelas, aumentam a sua notoriedade e o seu valor de mercado. E o mercado do futebol transforma a paixão em lucro e os adeptos em consumidores. O futebol está em todo o lado, ocupando o espaço mediático. Vários canais de televisão têm sido criados dedicados a esta prática desportiva. As emissões concedem a palavra aos convidados, “refazem-se” os jogos, e, não raras vezes, a emoção predomina mais do que a reflexão. A televisão reflete e constrói os imaginários sociais através das suas imagens e dos seus discursos. Ela é um bom parceiro do “negócio”. Os jornalistas também procuram o seu lugar neste casamento de conveniência. Se são promotores do espetáculo na televisão, dão uma certa sensação de independência na imprensa escrita ou na rádio. A transmissão de um jogo de futebol não começa no momento em que as equipas se encontram no campo e a bola colocada no centro do relvado. Tudo é “desenhado” antes: a chegada dos autocarros com os jogadores aos estádios, a concentração dos jogadores no túnel que dá acesso ao relvado, a entrada dos jogadores em campo, o momento dos hinos, a tiragem à sorte para a escolha do terreno, as pequenas ações de “carácter mágico”, como diria Marcel Mauss, antes do jogo e, depois do jogo começado, as reações dos jogadores protagonistas dos momentos decisivos. Se os adeptos aceitam o seu afastamento relativamente ao evento em si, renunciando ao espaço, não rejeitam ver os jogos via a mediação da televisão. No fundo, o desporto de competição, e em particular o futebol, é considerado como uma manifestação exemplar do capitalismo globalizado.





